

VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL
ano 7 / nº 18 / 1º trimestre letivo de 2023



Victor C. Katsuragawa, Leonardo
P. da Cruz, Pedro G. Carvalho e,
deitado, Luis Gustavo D. Nunes,
alunos do 1º ano A.

Qualidade à prova

Para a diretora **Suely Nercessian Corradini**, simulados, Enem e vestibulares são parâmetros objetivos da força do ensino do Vital.

Todo ano, escolas brasileiras divulgam aprovações de alunos nos vestibulares como um atestado de qualidade. Para o Vital, qual a importância desses resultados?

Eles são uma boa medida da força do nosso ensino. Neste ano, por exemplo, temos excelentes resultados, incluindo nove aprovados na Poli-USP, só na primeira lista, e um aprovado na Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante, de prova difícil! Mas, para nós, esses resultados importam menos como *marketing* do que como métricas objetivas que usamos para avaliar nosso trabalho, com as quais nos comparamos não só com outras escolas mas com nossa própria série histórica. É como sabemos se devemos manter a rota ou redirecionar esforços para um novo foco. Nesse sentido, vestibulares são apenas um de muitos indicadores externos de qualidade que usamos.

Quais são os outros?

O Enem, por exemplo, que é hoje o maior vestibular do País, enquanto meio de acesso ao Ensino Superior. É uma prova muito bem elaborada para medir a habilidade do aluno de aplicar conhecimentos de forma contextualizada. É ótimo medidor do que os alunos aprendem, principalmente se analisarmos os microdados da prova – informações bem específicas, como o nível de dificuldade de cada item. Com eles, identificamos com precisão nossos pontos fracos e fortes, entre os quais destaque nossas redações. Só neste ano, 36 alunos tiraram nota acima de 900!

Qual a importância dos simulados?

Simulados elaborados por empresas reconhecidas do

setor educacional são mais uma fonte de parâmetros objetivos do nosso trabalho. Do 9º ano à 3ª série do Médio, nossos alunos fazem simulados da plataforma Evolucionar; na 1ª e 3ª séries, da Bernoulli; na 2ª série, do Poliedro. Essas plataformas dão análises detalhadas do desempenho das turmas e de cada aluno individualmente – o que também é muito importante para eles.

Não há avaliações externas antes do 9º ano?

Não. Creio que nossas avaliações internas, acumu-

Entre seus pais, **Gustavo da Silva Lima** comemora o ingresso na **Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante**: aprovações em cursos concorridos são um dos muitos indicadores externos de que o Vital dispõe para medir a própria qualidade de ensino.



lativas e contínuas, já sinalizam tanto para o professor quanto para o aluno se as expectativas de aprendizagem de cada ano/série foram atingidas, e em que nível – o que já é suficiente para ajustes de planejamento. A questão é que, a partir do 9º ano, as avaliações externas não servem apenas como diagnóstico de aprendizagem e indicativo de quais conteúdos precisam ser retomados; servem para o aluno conhecer os modelos de prova que mais à frente vai enfrentar, no Enem e nos vestibulares. No que diz respeito ao projeto de vida de cada estudante, essas ferramentas contribuem para a elaboração de estratégias focadas na especificidade da universidade e do curso escolhidos.

E o que é o Pisa for Schools?

É uma prova elaborada pela mesma OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) que faz o Pisa – talvez o principal medidor de qualidade da educação mundial, que a cada três anos avalia o letramento de estudantes de 15 anos em Leitura, Matemática e Ciências. A prova segue o mesmo modelo do Pisa oficial. Até hoje, só participamos dela uma vez, em 2019, e o desempenho dos nossos alunos foi muito superior não apenas à média do Brasil mas à dos próprios países da OCDE! Aí veio a pandemia e não repetimos o teste, mas participaremos de novo neste ano, no segundo semestre.

Antes da pandemia, alunos de 15 anos do Vital fizeram a prova **Pisa for Schools**, que segue o mesmo modelo do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) realizado a cada três anos pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). **O desempenho dos alunos do Vital foi superior não só à média brasileira como à média dos países da OCDE.**

Pisa for Schools			
	Leitura	Matemática	Ciências
Médias de desempenho	Vital 598	Vital 589	Vital 582
	OCDE 485	OCDE 478	OCDE 486
	413	384	404

4

DICAS

Como ajudar os filhos a lidar com as frustrações?

5

EDUCAÇÃO INFANTIL

A arte como linguagem natural da criança

8

FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

Benefícios da aprendizagem baseada em projetos

10

FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

O valor da norma-padrão nas aulas de redação

12

ENSINO MÉDIO

Os desafios de assumir o próprio crescimento

15

TRILHAS

Competências socioemocionais e a escola

18

INGLÊS

Como se dá a transição para a fase dos estágios

20

ARGUMENTO

Aluna escreve redação em inglês sobre o ChatGPT

Como ajudar os filhos a lidar com frustrações?



Por **Leonardo Fraiman**,
psicoterapeuta
e escritor

- 1 LEMBRE-SE: FRUSTRAÇÕES SÃO PARTE DA VIDA.** O recém-nascido se frustra ao perder a homeostase do ventre; a criança se frustra ao ter de dividir o brinquedo; o adolescente, ao terminar o namoro. Mas uma vida privada da tristeza da frustração seria insalubre, porque também seria privada da alegria da superação e do mérito da conquista.
- 2 PRATIQUE O "COLO COM MOLA".** Ante o sofrimento do filho, a família oferece o Colo, que é o acolhimento; é dizer, com empatia, "entendo sua dor, também fico triste". Mas depois vem a Mola, que é ajudá-lo a pensar: "O que você aprendeu com isso? Quais as alternativas? O que de melhor pode fazer a respeito?"
- 3 NÃO CONFUNDA ACOLHER COM RESOLVER O PROBLEMA.** Acolhimento não é "passar pano" para erros, tomar o partido do filho ou mesmo acabar com a dor; às vezes, é deixá-lo sentir tristeza, oferecendo um abraço, uma companhia para chorar. Só sabe ser feliz quem sabe ser triste.
- 4 SAIBA DIZER "NÃO".** Para não serem, eles próprios, a causa da frustração dos filhos, alguns pais caem no erro narcisista de ser "legais". Nunca dizem "não" e normalizam coisas como bebidas, cigarros eletrônicos, vício em telas, abusos emocionais. Essa atitude desastrada é uma humilhação travestida de benevolência, porque diz ao filho que ele é incapaz de tolerar frustrações.

- 5 ENTENDA QUE TODO NÃO É UM SIM.** Na prática, "não vai assistir à TV até tarde" também é "sim, vai acordar cedo para a aula"; "não vai deixar o quarto desarrumado" é "sim, vai aprender a ter uma rotina". A melhor forma de desenvolver autoestima é uma vida baseada na prática diária de valores como ser responsável, colaborar com tarefas da casa, ser gentil com os outros, etc.
- 6 ELOGIE A PERSEVERANÇA.** Mais importante que a conquista (como uma nota 10) é a disciplina que levou a ela (o estudo diário). Da mesma forma, mais importante que a derrota é seu filho saber praticar o "ainda não": "Ainda não consegui, mas conseguirei". Esse otimismo, assim como outras competências socioemocionais, pode ser praticado e desenvolvido.

- 7 ALGUMAS DICAS DE LEITURA:**
 - **Aprenda a Ser Otimista**, Martin E. P. Seligman
 - **Mindset: a Nova Psicologia do Sucesso**, Carol S. Dweck
 - **Superação e Equilíbrio Emocional**, Leonardo Fraiman

A escola como ateliê

No Vital, a arte é entendida como linguagem natural que a criança usa para expressar e construir seus conhecimentos.



A professora Juliana apresenta sua Mala de Artes para alunos do Pré II: reflexão sobre como expressar experiências pessoais por meio da arte.

No início de cada ano letivo, há professores que recebem suas turmas escrevendo o próprio nome na lousa e pedindo que cada aluno diga o seu, em troca. Outros falam um pouco de si e pedem que os alunos façam o mesmo. Nas primeiras aulas de Arte do Pré II do Vital Brazil, Juliana Carnasciali leva para a sala uma mala de couro carregada de objetos como chocalhos, sininhos, livros, fotos, papéis, tintas e pincéis de graveto que ela mesma fabricou.

A mala de Juliana, professora de Arte da Educação Infantil e do 1º ano do Fundamental, é o recurso

que ela usa para se apresentar a cada nova turma do Pré II, mas também para gerar reflexões sobre o que é arte, qual sua função e o que os alunos carregam em suas "bagagens" pessoais. Mesmo muito novos, ela sabe que cada um deles traz um repertório singular de experiências sensoriais e sentimentais, que ela pede que exponham pintando suas próprias "malas de artes", nas quais devem guardar o que consideram importante. Como resultado, camisas, calças e escovas de dente dividem espaço nas pinturas dos alunos com bolas, carrinhos, flores, borboletas e bichos de esti-



mação. “Sempre saem coisas novas, que nunca apareceram antes”, diz a professora.

A proposta é um bom exemplo de como a arte é trabalhada na Educação Infantil do Vital, como uma linguagem natural que a criança tem para se comunicar, antes mesmo de saber ler ou escrever. Sendo linguagem, não é um conteúdo a ser aprendido da mesma forma por todos, mas uma ferramenta para a expressão de mensagens individuais e variadas. “Quando a gente pensa na Arte dessa forma, o trabalho da educação se torna mais abrangente, porque, assim como cada pessoa tem um jeito próprio de falar, cada pessoa tem uma voz artística”, nota Juliana.

E, assim como a escrita é feita de palavras, a linguagem artística é feita de experiências estéticas – de cores, formas, sons, cheiros e texturas –, que compõem um vasto vocabulário, o qual pode ser explorado de forma mais ou menos consciente. Nesse sentido, diz a professora, a escola contribui para o desenvolvimento da linguagem artística dos alunos ampliando seu repertório de experiências, e o objetivo não é conduzi-los a nenhum produto final com características predeterminadas,

mas ensiná-los a trilhar os processos pessoais de investigação e criação que resultam na arte de cada um.

“Lá na frente, isso vai se refletir em pessoas inventivas e autônomas, que sabem fazer escolhas, encontrar alternativas, comparar e até inventar novos caminhos para si”, diz Juliana.

“Como isso me faz sentir?”

Segundo a professora, a visão da Arte como linguagem bebe muito da chamada abordagem reggiana – formulada pelo pedagogo Loris Malaguzzi (1920-1994), com base em sua experiência com escolas da cidade italiana de Reggio Emilia, após a Segunda Guerra. Considerada uma das abordagens mais interessantes de Educação Infantil já desenvolvidas, a perspectiva reggiana enfatiza o protagonismo infantil desde os primeiros anos de vida, ao propor que a criança já chega à escola com saberes próprios, expressos por múltiplas linguagens, sendo a Arte uma das mais significativas. Para Malaguzzi, haveria grande semelhança entre os olhares da criança e do artista.

“O artista não reconhece o mundo como algo pronto, cristalizado. Ele experimenta, pesquisa, coleta e organiza influências para recontextualizar o mundo o tempo todo”, diz Juliana.

A CRIANÇA JÁ CHEGA À ESCOLA COM SABERES PRÓPRIOS, EXPRESSOS POR MÚLTIPLAS LINGUAGENS, SENDO A ARTE UMA DAS MAIS SIGNIFICATIVAS.

“Do mesmo modo, a criança também apreende o mundo experimentando e coletando descobertas”.

Seguindo na mesma analogia, Malaguzzi via a escola como espaço privilegiado de experimentação e criação – como o ateliê de um artista, tão mais inspirador quanto mais instrumentos tiver à disposição. É essa a intenção do Vital, diz a coordenadora Camila Petrolina, ao proporcionar aos alunos o maior número possível de vivências e materialidades. “Ao rolar na areia seca, tocar na casca de uma árvore ou enfiar a mão numa bacia de tinta ou de gel, a criança está acumulando o conhecimento dessas texturas”, diz Camila, citando apenas um exemplo de como a escola amplia o repertório sensorial infantil.

“São investigações científicas, por um lado, mas que também têm valor estético”, comenta Juliana, que define a estética como a propriedade de algo captado pelos sentidos provocar sensações – como a sensação de beleza e harmonia. “A criança começa descobrindo: o que é o molhado? Que cheiro tem isso? Que cor é essa? Para depois se perguntar: o que isso me faz pensar? Como me faz sentir?”

Mais que apresentar referências, porém, a função das aulas de Arte seria ajudar os alunos a organizar

essas referências em criações representativas dos saberes e sentimentos de cada um, bem como dos saberes e sentimentos produzidos pela interação da turma, no diálogo e na própria prática artística de todos em classe. “A construção da linguagem artística se dá quando eu percebo como tudo aquilo entra em mim e aprendo a botar para fora, a mostrar para os outros”, diz a professora. É um processo ao mesmo tempo individual e coletivo, que passa longe de abordagens tradicionais que se limitavam a pedir que os alunos reproduzissem técnicas ou, pior, viam as propostas artísticas na escola como meros momentos de diversão e relaxamento.

“É divertido, sim, mas também é trabalho”, diz Juliana, que valoriza o processo criativo até mais do que as obras concluídas de seus alunos, já que é durante o processo que se dão os aprendizados mais importantes.

“Acredito que os pais sentem a diferença desse tipo de abordagem quando, em vez de levar para casa uma pintura feita na escola, o filho chega animado querendo falar do que aprendeu, dos experimentos com tintas, do artista que inspirou a aula, da nova técnica que descobriu”, diz Camila. “É quando, em vez de levar fichas de atividade para casa, a criança leva conhecimento!”

Turma do Pré II apresenta suas próprias malas de artes: no processo de cada um é que se dão os aprendizados mais importantes.



Quer ver mais fotos da aula do Pré II com a profa. Juliana? Aponte o celular para o QR Code.





Como a estratégia de articular conteúdos em torno de projetos temáticos dá mais sentido ao que o aluno aprende.

Pelos próximos meses, é provável que os pais de alunos do 2º ano do Vital percebam seus filhos mais interessados em notícias referentes aos povos indígenas brasileiros. Não será por acaso: em 2023, esse vai ser um dos temas mais trabalhados pelas crianças nas aulas de várias disciplinas, nas quais estudarão os modos de vida, costumes e tradições dos habitantes originários do País.

Será o mote de um projeto especial do 2º ano, assim como, para o 3º, o mote serão as influências da cultura africana na formação do povo brasileiro; para o 4º, as levas de migrantes que chegaram ao Brasil na primeira metade do século XX; e, para o 5º, o próprio conceito de herança cultural que cada pessoa carrega, de seus antepassados, em sua identidade. Todos são recortes de um tema mais amplo, que é a valorização da diversidade e de um diálogo intercultural baseado no conhecimento, na empatia e no res-

peito às diferenças. Ao longo de 2023, cada turma dos anos iniciais do Fundamental vai conduzir pesquisas e elaborar trabalhos artísticos, literários e digitais sobre esses temas, cujos resultados serão apresentados na Mostra Cultural do Colégio, em outubro.

E, embora tais assuntos não esgotem, obviamente, tudo que os alunos vão aprender em 2023, é bem possível que sejam os que mais gerem engajamento. Aqueles que inspirem mais discussões na escola e em casa, e as lições que perdurem por mais tempo na memória de todos – cumprindo, assim, um dos principais objetivos da estratégia de aprendizagem baseada em projetos, adotada no Vital há anos, pelos diversos benefícios que ela proporciona.

“Essa é uma abordagem que trabalha muito a motivação do aluno, que o coloca como protagonista, no centro do processo de aprendizagem”, diz a coordenadora, Vanessa Inagaki.



Em resumo, o projeto didático é uma forma de articular conteúdos de mais de uma disciplina em torno de um tema sobre o qual se identificam desafios, ou situações-problema, para os quais os alunos, coletivamente, devem buscar soluções. Não é algo que se encerra em uma ou duas aulas, mas um processo de investigação que se dá ao longo de semanas e meses, promovendo vários aprendizados específicos – linguísticos, matemáticos, científicos, etc. –, e culmina na apresentação de algum produto, como um livro, uma obra de arte, uma ferramenta.

Em 2022, por exemplo, os projetos do Fundamental do Vital foram inspirados nos ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) – metas estabelecidas pela ONU para 2030 – e resultaram em composteiras, hortas verticais, recipientes coletores de tampinhas para reciclagem, entre outras propostas para um mundo sustentável. “Neste ano, trabalharemos o multiculturalismo, que também dialoga com nosso plano de ensino, além de permitir várias problematizações junto às crianças, como a questão da equidade e do respeito”, diz Vanessa.

“Tá tudo interligado, prô!”

Segundo a coordenadora, um dos primeiros benefícios trazidos pela abordagem de projetos é contar com o interesse natural dos alunos pelos temas escolhidos. “É superengajador procurar soluções para problemas reais do mundo, que eles veem discutidos em casa, na TV, na internet”, diz ela.

“Por serem temáticas atuais, é quase inevitável que eles se interessem”, concorda Juliana Fiori, professora do 5º ano, para quem os projetos fazem os alunos sentirem parte dos debates da sociedade. “Além disso, são temas sobre os quais eles trazem para a escola o próprio repertório, do que ouvem na mídia ou do que viveram em família”. Foi o que aconteceu em 2022, diz Juliana, quando os trabalhos de sustentabilidade partiram de sugestões das turmas, e é o que ela espera ver de novo, este ano. “Vamos ver que conhecimentos e opiniões eles trazem sobre a questão dos imigrantes e refugiados no mundo, e, em cima disso, podemos abordar temas como preconceito e direitos humanos, por exemplo”.

Já a professora do 2º ano Eliane Santana aponta que a abordagem permite o aprofundamento em torno de um tema ao longo de meses, além da integração de conhecimentos variados. “Numa mesma aula, podemos ensinar um conteúdo de Ciências, como cultivar plantas, usando um texto instrucional, que é conteúdo de Língua Portuguesa. Ou podemos trabalhar artes feitas de figuras geométricas”, diz Eliane. “Os alunos até perguntam: ‘Mas isso não é Matemática?’ E eles mesmos percebem: ‘Ah, tá tudo interligado, prô!’”

É para abarcar um maior número de conteúdos, aliás, que, segundo Vanessa, os projetos no Vital começam a ser pensados com grande antecedência, desde o ano anterior. “Quanto mais conteúdos conseguirmos relacionar aos projetos, melhor, porque você dá mais sentido ao que os alunos aprendem”, diz a coordenadora. Ela nota que o tema do multiculturalismo, neste ano, já é bem alinhado a diversos objetivos de Língua Portuguesa, Arte, Ciências Humanas e Letramento Digital, mas pode agregar outros tantos das demais disciplinas. Além disso, diz Vanessa, “por serem coletivos, os projetos também são muito bons para desenvolver competências socioemocionais, como a empatia e o trabalho em grupo”.

Outro importante aprendizado é a própria compreensão do que é um projeto – algo de enorme utilidade na vida de qualquer estudante. “Na minha turma, no ano passado, um aluno perguntou por que, se os ODS eram tão importantes, foram definidos como metas para 2030, e não para ‘a vida eterna’”, lembra a professora Eliane, que aproveitou para devolver a pergunta para a classe, fazendo-os refletir sobre a importância do estabelecimento de metas e prazos. “Quando pomos um tema em discussão, sempre pensamos juntos nas soluções e planejamos as próximas etapas”.

E não menos importante é o momento de culminância dos projetos: a apresentação para as famílias. “A Mostra Cultural serve tanto para os pais conhecerem o processo de aprendizagem vivido pelas crianças como para elas se sentirem reconhecidas pelo que construíram”, diz Vanessa. É quando fica mais em evidência o valor do conhecimento, que o Vital busca incutir nos alunos desde pequenos.

A ABORDAGEM DE PROJETOS PERMITE APROFUNDAR UM TEMA POR MESES, ALÉM DE INTEGRAR CONHECIMENTOS VARIADOS. UMA MESMA AULA PODE ABORDAR CONCEITOS DE CIÊNCIAS, LÍNGUA PORTUGUESA, ARTE E GEOMETRIA.



A palavra certa

Aulas de Produção de Texto enfatizam o valor que a norma-padrão da língua ainda tem num mundo de múltiplas linguagens.

Um ano após o ocorrido, a aluna Luísa Rocha ainda lembra quando, no início de 2022, então no 9º ano, um colega perdeu pontos numa prova de redação por escrever palavras de forma abreviada, como estava acostumado a fazer em redes sociais e aplicativos de mensagem. Tão acostumado que, segundo Luísa, ele nem havia se dado conta de ter feito o mesmo em sua redação.

O mais curioso é que o relato de Luísa não foi caso isolado. De fato, no ano passado, os professores de Língua Portuguesa e Produção de Texto do Vital precisaram reforçar, para os alunos, que o uso de abreviaturas e outros vícios de linguagem dos meios digitais – como não utilizar maiúsculas ou pontuação – comprometia a qualidade dos seus textos, por fugir da norma-padrão do idioma.

Mas seria a norma-padrão um conhecimento realmente necessário ou, como poderia argumentar alguém, o importante é se fazer entender? Para Luísa, não há dúvidas. “Se existem regras, elas têm razão de existir”, diz a aluna, que afirma seguir a norma-padrão justamente para ser entendida, mesmo em mensagens ou redes sociais. “Você não sabe se a outra pessoa conhece uma abreviatura, é um palpite. Se escrever certinho, você sabe”.

Fazer com que mais alunos tenham o entendimento de Luísa sobre o valor da linguagem é o objetivo de um processo que o Vital iniciou em 2022, de redesenho do projeto de Produção de Texto das turmas do 6º ao 9º ano. Um processo que, segundo a coordenadora Cátia Alves, foi motivado por um fenômeno recente, percebido após os quase dois anos de ensino remoto.

“No pós-pandemia, os alunos vinham demonstrando mais problemas do que o esperado quanto à norma-padrão do português, como erros básicos de grafia das palavras, acentuação e pontuação, e dificuldade de estruturar o texto em parágrafos”, diz Cátia. Foi uma das áreas em que o desempenho escolar foi

mais afetado pelo período sem ensino presencial, diz ela, sobretudo nos anos finais do Fundamental.

Como explica a assessora de Língua Portuguesa e Produção de Texto Ana Lúcia Novroth, em condições normais, a quantidade de redações produzidas pelos alunos para a escola tende a aumentar a partir do 3º ano do Fundamental – o que não foi bem o caso, no entanto, para as turmas que hoje estudam do 6º ano em diante, devido à pandemia.

“Durante o ensino remoto, os alunos escreveram menos à mão do que o ideal. Lápis e papel cederam lugar a teclados de *notebooks* e celulares, nos quais há corretores

ortográficos que completam palavras automaticamente”, diz a assessora, que passa a citar algumas consequências dessa situação. “Ao digitar, você não pensa tanto em como se escrevem as palavras, o que afeta a ortografia. Outra consequência é a diminuição do vocabulário, o que dificulta a organização do pensamento. O efeito é um texto truncado, de difícil compreensão”.

Ela continua: “As pessoas costumam ser mais superficiais, menos cuidadosas com a forma do texto – não se preocupam, por exemplo, com a caligrafia, com a disposição das palavras no papel, com o recuo da primeira linha dos parágrafos ou mesmo com a escolha das palavras adequadas”.

Por tudo isso, diz Ana Lúcia, não surpreende que os anos de pandemia, combinados ao crescente uso das redes sociais, tenham afetado o aprendizado da norma-padrão da língua. Algo que, longe de ser preciosismo, tem a ver com a habilidade de estruturar e expressar ideias – ou seja, de escrever bem –, já que uma vírgula ou conjunção mal aplicadas podem mudar o sentido de uma frase. Num mundo no qual se comunicar se tornou habilidade das mais valiosas, era preciso corrigir o problema.

Recuperando a prática da escrita

A primeira medida veio com a chegada da própria Ana Lúcia ao Vital, no início de 2022, contratada

“A ESCRITA À MÃO É IMPRESCINDÍVEL, POIS ATIVA DIFERENTES ÁREAS DO CÉREBRO, AJUDA NA FLUIDEZ E NA EXPRESSÃO DE SENTIMENTOS E IDEIAS”, DIZ A ACESSORA ANA LÚCIA NOVROTH.



Aluna Luísa Kroiss, do 9º ano A, e uma ficha de redação: saber usar a língua é ter recursos para argumentar com mais solidez, ou para ser mais crítico quanto ao que se lê.

como nova assessora dos anos finais do Fundamental. Após conduzir uma avaliação diagnóstica do ciclo, ela propôs um novo plano pedagógico de Produção de Texto, implementado em agosto.

Pelo novo plano, as aulas de redação passaram a explorar uma diversidade menor de gêneros textuais (poemas, notícias, artigos científicos, etc.), que até então eram o foco, para dar mais tempo de os alunos se aprofundarem na análise conceitual e estrutural de cada texto lido ou produzido em sala de aula. O objetivo é que eles percebam como o domínio da gramática, a escolha precisa das palavras ou a ordenação coerente dos parágrafos permitem construir ou interpretar um argumento.

“Seja uma crônica, seja uma notícia ou seja qualquer outro tipo de texto, é preciso linguagem clara e ideias bem encadeadas”, diz Ana Lúcia, que pretende que os alunos escrevam ainda mais em 2023 – inclusive em provas de outras disciplinas, que passarão a exigir respostas um pouco mais extensas, dissertativas, com orações formadas por sujeito e predicado. “A falta de prática da escrita se agravou na pandemia, mas vem de antes. Essa geração já escrevia menos, e a escola é o lugar para compensar isso”.

Mas por que usar as aulas de redação, e não apenas as de Língua Portuguesa, como foco para o ensino da gramática? Segundo a assessora, o motivo é que a prática serve de base para a teoria – até mais do que o caminho inverso. É mais fácil compreender as normas, diz ela, quando aplicadas num texto real.

“No momento da produção autoral, o aluno escreve não com vista a obedecer às regras básicas, mas o faz quase de modo intuitivo, pois há uma gramática internalizada”, diz Ana Lúcia.

Assim, diz ela, em vez de se ensinar “a gramática pela gramática, em enunciados descolados do todo, em frases soltas”, a língua deve servir aos alunos como “uma forma de expressão dos pensamentos”, porque “as normas gramaticais favorecem a coesão e a coerência do texto. O aluno deve entender que aprende a gramática normativa para uso próprio, e não para as provas”.

Segundo a coordenadora Cátia Alves, o novo foco da Produção de Texto já ajudou a reduzir a incidência dos problemas mais crônicos – como caligrafia ruim, palavras abreviadas, erros de ortografia e falta de pontuação –, permitindo à turma avançar em outros pontos de melhoria, como o uso de sinônimos e pronomes, para manter a coesão textual sem repetir palavras, ou a paragrafação.

“É claro que toda comunicação depende do contexto, e há momentos em que você pode ser mais informal ou usar gírias”, diz a coordenadora Cátia Alves. “Mas saber usar bem a língua é ter recursos para argumentar com mais solidez, ou para ser mais crítico quanto ao que se lê. Existem múltiplas linguagens na contemporaneidade, mas a essência da comunicação permanece, que é estruturar as ideias em palavras e frases. E a norma-padrão é a melhor ferramenta para isso”.

Desafiar é sinal de respeito

Ao exigir do aluno maior autonomia e organização, o Ensino Médio promove aprendizados que vão além dos livros.

Até poucos meses atrás, **João Henrique Vidal** admitia sentir medo do que estava por vir. Prestes a concluir o 9º ano, ele imaginava que o Ensino Médio do Vital, do qual agora faz parte, significaria “muita pressão”: “As pessoas falam que é difícil, que todo mundo tira nota baixa”, dizia. Da mesma idade de João, **Rafaela Lot** também ingressou receosa, este ano, na 1ª série do Médio, temendo a carga horária ampliada. “Você tem de ser muito disciplinada, sem deixar de investir na saúde física e mental – mas não vai ter tempo para isso”, considerava a aluna, que, assim como João Henrique, sempre teve o hábito de praticar atividades físicas.

Duas séries à frente e iniciando agora seu último ano de Vital Brazil, **Ana Carolina Zeituni** e **Guilherme Jabbour** poderiam responder aos colegas mais novos com uma boa e uma má notícia.

A má, diria Ana Carolina, é que, sim, o começo é difícil. “Você acha que não vai conseguir”, diz a veterana. No caso de Guilherme, não só ele tirou notas baixas como chegou a conversar com os pais sobre mudar de escola, por medo de não dar conta. A boa notícia, porém, é que hoje ambos se mostram mais serenos, cientes do que precisa ser feito e seguros de serem capazes, se mantiverem o foco e uma rotina de estudos sem dúvida exigente, mas que ainda pode ser conciliada com a academia e os momentos com amigos. E o melhor: Guilherme e Ana Carolina não são exceções.

De fato, no percurso que João Henrique e Rafaela começam a trilhar, o esperado é que eles, em tempo, também percebam que, mais importante que o aumento das responsabilidades concretas é o entendimento de que essas responsabilidades são as condições para a construção dos sonhos de cada um. E é parte das atribuições de

André Rebelo, coordenador do ciclo, ajudá-los a enxergar isso.

“O Ensino Médio inaugura a fase de fazer escolhas”, diz André. “Até os anos finais do Fundamental, o aluno tem muita gente decidindo por ele. Família, escola, clube, tudo tem uma influência muito grande. No Médio, as ações começam a ser tomadas com mais autonomia”. Nesse sentido, diz o coordenador, o principal propósito da escola durante essa fase é “autenticar as escolhas” do aluno, ou seja, ajudá-lo a decidir o que quer para o futuro, traçar com ele o que é preciso para concretizar esse projeto e, então, oferecer as ferramentas que uma educação de qualidade proporciona. O que traz desafios, mas desafios ressignificados não como sofrimento, e sim como “elos de fortalecimento do aluno, com os quais ele se aperfeiçoa ou corrige dificuldades, para buscar seus objetivos”.

“É desafiador? É, mas tem de ser. Se não for, o aluno não estará sendo respeitado”, diz André, cuja opinião é corroborada por Gustavo Estanislau, psiquiatra especialista em infância e adolescência: “Escola e família precisam desafiar a criança e o adolescente, cuja capacidade de serem autônomos nós tendemos a subestimar”, diz ele (*v. entrevista na página 14*).

Método e autonomia

André conduz um trabalho de orientação profunda dos alunos no sentido do autoconhecimento, para que cada um defina com clareza o que espera da vida após a escola. Segundo ele, é essa definição que vai fundamentar outras, como a rotina de estudos ou o peso dado a atividades extracurriculares. “O aluno começa sonhando com um lugar acadêmico ou profissional. Qual curso pode levar a esse lugar? De qual universidade? E, assim, ele vai montando seu projeto de

Rafaela Lot,
1ª série



Guilherme Jabbour,
3ª série



João Henrique Vidal,
1ª série



Ana Carolina Zeituni,
3ª série



vida e descobrindo os requisitos para realizá-lo”, diz o coordenador, que ressalta: os requisitos não são iguais para todos.

“No Ensino Médio, não existe isso de ‘o melhor aluno da turma’, porque os parâmetros dependem do projeto de cada um. Quando você decide o curso que deseja, a universidade em que quer estudar e a cidade onde vai viver, são muitas variáveis que influenciam diretamente na sua análise de desempenho individual”, diz André.

Trata-se de agir com método, por um objetivo claro – algo que Rafaela Lot até já começou a fazer no fim do ano passado, ainda no 9º ano, quando se preparou para a prova de seleção de bolsistas. “Eu não tinha rotina de estudos, mas passei a me organizar melhor”, contou a aluna, que traçou o próprio plano: “Montei uma rotina com base no que conheço sobre mim: gosto de fazer resumos e exercícios, gosto de ter uma organização visual – sou eu mesma que faço meu calendário – e gosto

O QUE DIZEM OS VETERANOS PARA QUEM ESTÁ ENTRANDO NO ENSINO MÉDIO DO VITAL?

“No começo, é difícil. As aulas têm mais conteúdo, vocês têm de estar muito focados e prestar atenção. Mas vão testando várias rotinas de estudo até acharem a sua. E o apoio dos amigos também faz toda a diferença.”

Ana Carolina Zeituni, 3ª série C.

“Vocês vão sentir bastante a mudança para três dias da semana de período integral. Mas dá para achar o equilíbrio entre os estudos e a atividade física, que é muito importante manter.”

Guilherme Jabbour, 3ª série A.

de ter pelo menos um dia livre na semana”. O desafio agora, ela sabe, é aplicar a mesma disciplina para encarar a maior quantidade de conteúdos do Ensino Médio.

Tão importante quanto a disciplina de Rafaela, no entanto, foi sua autonomia, a iniciativa de “dar um gás” nos estudos sem precisar da cobrança de pais ou professores. É uma postura que alguns alunos podem desenvolver mais cedo que outros, mas que é exigida de todos quando começam o Ensino Médio. E João Henrique Vidal tem ciência disso.

“Eu ainda estudo mais nas vésperas de provas”, dizia o jovem, ainda em novembro. Embora tirasse notas boas até ali, ele já sabia que teria de mudar de hábitos a partir deste ano – assim como demonstrava saber que precisaria assumir maior responsabilidade sobre as próprias escolhas, incluindo sua rotina de estudos e atividades extracurriculares. “Acho que tanto a escola quanto a família decidem muito da minha rotina”, ponderava João, que até o ano passado acumulava, além da escola, aulas de natação, *kerav maga*, inglês e fisioterapia. “Quero decidir mais por mim... Mas tem o risco de você se soltar muito, né?”

O que jovens como João Henrique precisam lembrar, porém, é que agir com mais autonomia não significa agir sozinho, sem apoio ou conselho dos pais ou da escola. Pelo contrário, garante André.

“Nosso Ensino Médio oferece todas as ferramentas e condições para ajudar os alunos nas mais variadas necessidades”, diz o coordenador, referindo-se tanto às suas orientações de estudo e de escolha profissional como a outras ações do Vital. Como exemplo, ele cita as aulas extras para alunos com dificuldade, ou sobre conteúdos específicos dos quais a turma depende para avançar no currículo; o projeto de tutoria acadêmica, em que alunos mais velhos ensinam os mais novos, numa dinâmica educativa para ambos; e a disponibilidade de salas e equipamentos para grupos de estudo; entre outras. “No Vital, é você quem escolhe o seu sonho, mas a gente sonha junto”, diz André.

3 PERGUNTAS PARA O PSQUIATRA GUSTAVO ESTANISLAU

Em que fase da escola o aluno consegue assumir seus estudos com mais autonomia?

Muitas pessoas têm a percepção de que o Ensino Médio é quando a coisa fica séria. Como se, com o vestibular, o adolescente deva adquirir uma série de conhecimentos que não eram demandados antes. Mas acho que isso já poderia ser produzido anteriormente. A pandemia bagunçou isso ainda mais, mas já era algo da nossa cultura que precisa ser desenvolvido – um investimento para que a criança e o adolescente se responsabilizem mais pelas coisas.

Como os pais podem fazer isso?

Em primeiro lugar, precisam desafiar a criança e o adolescente. Parece óbvio, mas não é. E os pais precisam suportar o estresse e a ansiedade dos filhos, porque são sinais de crescimento. Crescer cursa com se estressar de vez em quando; faz parte do processo.

Imaginar um projeto de vida ajuda a desenvolver autonomia?

É uma questão complexa, porque vivemos num mundo muito mais complexo do que há 10, 20 anos. Imagine um jovem de 15 anos assistindo a um telejornal hoje, o que ele vai ouvir sobre insegurança, escassez dos recursos naturais... O resultado é uma tendência de querer viver mais o aqui e o agora. Precisamos fazer uma desconstrução, mostrar os desdobramentos interessantes do processo de crescer. Precisamos mostrar o futuro de forma mais esperançosa.



Gustavo Estanislau é especialista em Psiquiatria da Infância e da Adolescência e organizador do livro *Saúde Mental na Escola: o que os educadores devem saber* (Artmed: 2015)

O que se aprende para o futuro

Promover competências socioemocionais é o que vai dar às próximas gerações as melhores chances de realizar seus sonhos.

No futuro, quando robôs forem capazes de fazer ainda mais do que fazem hoje – quando já conseguem realizar diagnósticos e cirurgias, analisar contratos, otimizar processos de uma empresa ou, simplesmente, escrever artigos de revista –, os melhores profissionais ainda serão aqueles que sabem ouvir com atenção e conversar olhando nos olhos das pessoas. Os que sabem liderar equipes e colaborar com colegas, ou resolver problemas de forma inovadora, formulando ideias originais com clareza e perseverando na busca pela melhor solução para todas as partes envolvidas.

Não surpreende, portanto, que hoje tanta importância seja dada às competências socioemocionais, aquelas que usamos para gerenciar nossas próprias emoções e firmar relacionamentos saudáveis. São habilidades como a empatia (compreender os sentimentos alheios), a resiliência (lidar bem com frustrações e manter a autoconfiança em situações de estresse), a autogestão (ter iniciativa, organização e foco com as próprias responsabilidades), a abertura ao novo (cultivar a curiosidade e interesses diversos, sentir vontade

de aprender) e a criatividade (ter flexibilidade mental para pensar diferente), além do trabalho em equipe e da solução de conflitos pelo diálogo.

Mais que qualquer conteúdo ou conhecimento técnico, são essas competências que provavelmente darão às próximas gerações as melhores chances de realizar seus sonhos pessoais e profissionais, num mundo cada vez mais automatizado. Assim, faz sentido que elas sejam estimuladas desde os primeiros anos de vida escolar.

Desafios de convivência

“Quase tudo que fazemos aqui tem a intenção de promover o desejo natural da criança de investigar o mundo”, diz a coordenadora da Educação Infantil do Vital, Camila Petrolina. Segundo ela, as aprendizagens mais significativas são aquelas que partem do centro do interesse dos alunos – o que eles querem saber –, em torno do qual o planejamento pedagógico – o que a escola precisa ensinar – deve ser elaborado. E essa ideia, em si, já incentiva e recompensa a curiosidade infantil.

INFANTIL

Momentos de livre brincar e propostas não dirigidas colocam as crianças na posição de tomar decisões, sem o comando (mas sob o olhar atento) dos adultos. “Só o fato de ser livre já estimula a iniciativa e a criatividade”, diz a coordenadora Camila Petrolina.



Além disso, para Camila, momentos de livre brincar e propostas artísticas não dirigidas, dos quais a pré-escola está repleta, colocam as crianças na posição de tomar decisões, sem o comando (mas sob o olhar atento) dos adultos. “Só o fato de ser livre já estimula a iniciativa e a criatividade”, diz ela.

Isso para não falar das propostas e brincadeiras coletivas, que requerem dos alunos negociar vontades, respeitar acordos e aceitar frustrações – algo desafiador para uma faixa etária marcada pelo egocentrismo. “Eles ainda estão aprendendo a viver em sociedade, então é muito comum as professoras colocarem o tema das relações para uma reflexão em grupo”, diz Camila. Nesse sentido, situações de conflitos são oportunidades para a criança aprender a reconhecer e a expressar em palavras os sentimentos – os seus e os dos outros – e assim chegar a soluções de maneira pacífica.

Esse trabalho se aprofunda ao longo dos anos iniciais do Fundamental, quando o Vital põe em prática o projeto de convivência ética, como nota a coordenadora Vanessa Inagaki. “É um projeto que inclui rodas de diálogo frequentes com os alunos até o 3º ano, nas quais as professoras conduzem discussões inspiradas em situações de sala de aula, ou em livros e vídeos sobre temas como convivência, aceitação das diferenças, *bullying*, etc.”, diz Vanessa. “Já no 4º e 5º anos, as rodas se tornam mais formais, como assembleias mesmo, com pautas bem definidas e registro de ata”.

Entre as diferenças das rodas de diálogo para as assembleias, ela destaca que as primeiras partem de provocações das professoras, enquanto as últimas contam com maior envolvimento dos alunos. “Por iniciativa própria, eles anotam no mural da sala as questões de que querem tratar na assembleia seguinte”. Outra diferença marcante é que as rodas de diálogo podem ser reflexões mais abertas, ao passo que as assembleias visam chegar a soluções concretas para os problemas discutidos. Com a idade, explica Vanessa, espera-se dos alunos mais assertividade.

Assumindo responsabilidades

Espera-se, também, mais autonomia no cumprimento dos deveres. Sobre esse ponto, Vanessa conta que, no último ano, o Vital passou a tomar certas medidas pontuais, mas eficientes, que buscam provocar o aluno a assumir uma postura mais independente em sua rotina escolar.

“Recentemente, deixamos de incluir, nas circulares para os pais, informações como conteúdos das provas e lições de casa, porque isso é assunto dos alunos, que eles encontram no Vital Digital. Conscientizamos as famílias da necessidade de a criança se responsabilizar por seus deveres”, diz a coordenadora. “Outra coisa que parece pequena mas faz diferença é que os bilhetinhos que mandamos para casa já não começam com ‘Querida família’, mas com ‘Querido aluno’, para marcar que são eles os maiores interessados”.

E esse movimento se intensifica quando os alunos passam para os anos finais do Fundamental, em que se espera deles maior autonomia não apenas em casa mas também na sala de aula – como na realização, por exemplo, de atividades em duplas ou equipes, que se tornam mais frequentes. “Praticamente todas as nossas disciplinas promovem trabalhos em grupo”, diz a coordenadora do ciclo, Cátia Alves.

Segundo Cátia, embora inicialmente os professores ainda intervenham quando observam que alunos de uma dupla ou grupo não se entendem, o esperado é que, à medida que amadureçam, eles sejam capazes de resolver seus conflitos, saibam dividir tarefas de forma justa e assumam coletivamente a responsabilidade pelo resultado final. “No dia a dia, a palavra mais importante é respeito: pela escola, pelo professor, pelo colega. Todas as outras questões, como empatia, tolerância e compromisso, estão subordinadas ao respeito”, diz a coordenadora.

Criatividade além da arte

Cenário de boa parte dos trabalhos em grupo realizados a partir do 6º ano, a Fazedoria do Vital é ambiente fértil também para a promoção de outras competências socioemocionais. Para além do aspecto colaborativo, a sala privilegia um tipo de trabalho prático, de mão na massa, que tem forte influência sobre a capacidade de os alunos pensarem soluções inovadoras para problemas objetivos.

“Criatividade não se limita ao campo das artes. Temos muitos projetos desenvolvidos na Fazedoria que

são exemplos de pensamento criativo”, diz André Rebelo, coordenador do Ensino Médio. A esse respeito, aliás, ele nota como tem crescido, nos últimos anos, o número de trabalhos inscritos como “inovações” na Mostra Científico-Cultural do Colégio (a outra possibilidade é a inscrição de trabalhos cujo foco não é propor algo novo, mas demonstrar a aplicação de algum conhecimento).

Fato é, contudo, que não há um ambiente, disciplina ou evento mais propício que outros para a promoção das competências socioemocionais, sendo este um objetivo que perpassa toda a cultura da escola, como defende a diretora, Suely Nercessian. “Isso está em todas as nossas propostas. Está nos trabalhos em grupo e na forma como ensinamos os alunos a lidar com seus erros como parte natural do aprendizado. Está nos projetos da Mostra e em eventos como a ONU Vital, na qual eles treinam a argumentação até para defender posições das quais discordam; está em nossa postura de respeito ao estudo e de valorização do saber”, enumera Suely.

“Nunca tivemos tanta informação disponível quanto temos hoje, mas ainda é preciso que o aluno tenha curiosidade e abertura para aprender coisas novas”, diz ela. “A paixão pelo conhecimento, aliada ao compromisso ético com o bem comum, talvez seja a competência mais importante que queremos promover nos alunos”. Competência que, mesmo num mundo repleto de robôs, continuará valendo por muito tempo.

FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

Assembleia com turma do 5º ano: prática de resolução pacífica de conflitos por meio do diálogo, a partir de temas propostos pelos próprios alunos e registrados em ata.



FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

Cenário de muitos trabalhos em grupo a partir do 6º ano, a Fazedoria é ambiente fértil para a colaboração e o desenvolvimento de soluções inovadoras para problemas práticos.



MÉDIO

Em projetos como a Mostra Científico-Cultural ou a ONU Vital, alunos do Médio exercitam a argumentação e reforçam o valor do conhecimento.



It'll be alright

Motivo de apreensão para alguns, a transição para a fase de estágios do Inglês é feita para colocar o aluno no nível ideal para seu desenvolvimento.

Para quem vai começar, é uma época de grande expectativa, alguns receios e muitas dúvidas. Para os que já viveram a experiência, é uma oportunidade tocante de recordar quando sentiram a mesma ansiedade e de garantir para os mais novos que, no final, tudo dá certo.

No Vital Brazil, sempre que os alunos do 5º ano estão perto de descobrir em qual estágio de Inglês cada um iniciará no 6º ano – quando as aulas do idioma passam a ser organizadas em turmas de mesmo nível de conhecimento linguístico –, o Colégio promove ações que visam tornar essa transição mais tranquila para todos. E, entre as ações, o contato com estudantes do Ensino Médio talvez seja a mais efetiva. “Por meio do projeto *Building Ties* (“formando laços”), explicamos para os alunos do 5º ano como vai ser a fase dos estágios, o que eles podem esperar do Inglês do 6º em diante, quem serão as professoras, quais os tipos de prova, entre outras dúvidas que eles possam ter. Mas o que eles mais gostam é ouvir dos próprios estudantes mais velhos como é a experiência”, diz a coordenadora de Inglês, Máira Malosso.

Segundo Máira, todo ano, alunos do Médio respondem às perguntas dos mais novos, que, não raro, revelam apreensão sobre a nova etapa. “Costumam vir perguntas como ‘Tem muita lição de casa? As aulas são muito diferentes? Foi difícil para você?’ Então os mais velhos vêm falar com eles ou mandam vídeos encorajadores, dizendo que entendem a preocupação, mas que não é difícil, basta estudar um pouco mais que tudo se resolve”, conta Máira. “Eles ficam até emocionados com isso, porque se lembram da própria trajetória. É bem bonito!” (*Para assistir a um desses vídeos, feito por alunos do ano passado, use o QR Code abaixo.*)

A verdade, no entanto, é que as mudanças que acontecem no Inglês do Vital na transição do 5º para o 6º ano seguem a progressão normal da vida esco-

lar, na qual maiores responsabilidades e complexidade crescente de conteúdo apenas acompanham, no devido tempo, o desenvolvimento cognitivo e emocional dos adolescentes. Além disso, parte da ansiedade sentida pelos alunos (e, muitas vezes, por suas famílias) pode ser fruto de uma concepção equivocada de que o estágio do Inglês em que se inicia a nova fase – se TB1 ou TB4, por exemplo – determina, fatalmente, o limite até onde será possível avançar. Algo que Máira e sua equipe garantem não ser o caso, sempre que falam com alunos ou pais preocupados. “Há tempo suficiente para que qualquer aluno chegue ao final do Médio com condições de obter, pelo menos, o certificado FCE da Universidade de Cambridge”, diz a coordenadora.

Equilibrando conforto e desafio

De todas as mudanças ocorridas a partir do 6º ano, a divisão dos alunos por nível de Inglês é, sem dúvida, a mais evidente. Como num curso de idiomas, a ideia de formar grupos de até 15 alunos com habilidades equivalentes é fomentar interações mais produtivas, buscando o melhor equilíbrio entre desafios e conforto com a língua, para todos avançarem em seu máximo potencial.

Em certo sentido, porém, não há tanto contraste com os anos iniciais do Fundamental, nem no número reduzido de alunos – já que até o 5º ano as turmas são divididas pela metade nas aulas de Inglês, para facilitar a participação de todos –, nem na carga horária, que permanece a mesma (180 horas semanais). “A quantidade de provas talvez seja mais sentida, porque quase dobra, e eles passam a ter provas de redação (*writing tests*), além das de gramática, vocabulário e interpretação de texto (*written tests*), compreensão auditiva (*listening*) e oralidade (*speaking*)”, diz Máira. Mas todas são provas, repita-se, de acordo com o nível das turmas.

“Aplicamos a avaliação diagnóstica para que o aluno inicie os anos finais do Fundamental no estágio que for melhor para ele: nem além, nem aquém das suas capacidades”, diz a professora Maria Luciana Gomes, referindo-se à prova que todos fazem no fim do 5º ano, baseada nos conteúdos dos anos iniciais do Fundamental (e até em alguns mais avançados), para definir seu primeiro estágio na nova etapa. A partir daí, é preciso



Guilherme Módolo, 3ª série do Médio, e Theo Rastelli, do 5º ano: palavras de conforto dos veteranos encorajam os mais novos a entrar mais confiantes na fase dos estágios.

manter média acima de 6 para avançar para o estágio seguinte, a cada semestre.

Coordenadora assistente do Inglês, Carolina Honda ressalta, contudo, que a avaliação diagnóstica e as notas não são os únicos fatores que a equipe considera para determinar a progressão dos alunos. “As professoras avaliam também o perfil de cada um. Às vezes, eles até dão conta, linguisticamente, de um nível mais alto de Inglês, mas ainda não estão totalmente preparados para trabalharem com certos assuntos, adequados para uma faixa etária mais avançada”, diz Carolina. “Mesmo entre turmas de mesmo nível, temos o cuidado de montar grupos de perfil semelhante, para que todos fiquem na sala em que se sentirão mais confortáveis para usar o idioma”.

É uma ressalva importante não só para os alunos, mas, principalmente, para as famílias, como nota Máira Malosso. “Alguns pais expressam receio de que os filhos entrem no 6º ano no estágio TB1, e já tivemos alunos se cobrando porque os pais haviam dito que eles precisavam começar no TB4”, relata a coordenadora. “Mas começar do TB1 não é nenhum problema, nem é começar do zero”.

Para Máira, a ansiedade dos pais pode vir também de um mal-entendido sobre as expectativas de aprendizagem de cada etapa escolar. “Até o 5º ano, nossa prioridade não é o estudo da língua como sistema; não é a gramática, com suas regras e nomenclaturas”, diz ela, pontuando que um pai pode achar que “o filho ainda não aprendeu o verbo *to be*” ou o *simple past tense* (“passado simples”) apenas porque não estudou a conjugação formal do verbo ou não conhece tal nomenclatura – mesmo que já os esteja usando naturalmente na escola, em interações orgânicas e divertidas.

“O maior foco até os anos iniciais do Fundamental é estabelecer um contato afetivo enquanto aprendem o idioma. É expor o aluno a um repertório amplo de experiências e palavras, de forma prazerosa, para que ele sinta vontade de aprender e praticar os novos fonemas, sem medo de errar”, diz Máira. “Vamos analisar a estrutura da língua só a partir dos estágios, quando essa relação já está bem consolidada”. E, nesse ponto, diz ela, mesmo para quem começa no TB1, ainda restarão 14 semestres de curso para o aluno avançar, no seu melhor ritmo.

O QUE O ALUNO É CAPAZ DE FAZER EM CADA ESTÁGIO DE INGLÊS

Estágios	Expectativas de aprendizagem
TB1 a TB4	<ul style="list-style-type: none"> Compreende e usa expressões do dia a dia para atender a necessidades concretas. Apresenta-se aos outros, sabendo perguntar e responder sobre dados pessoais. Comunica-se de forma simples com interlocutores cooperativos que falem devagar.
I1 a I3	<ul style="list-style-type: none"> Compreende frases isoladas e expressões comuns em áreas prioritárias da vida. Consegue comunicar-se enquanto realiza tarefas simples em situações cotidianas. Descreve pessoas, profissões, lugares, etc., e produz breves relatos e narrativas.
U1 a U3	<ul style="list-style-type: none"> Compreende a maioria das informações se a linguagem é clara e o tema é familiar. Lida com a maioria das questões em viagens para países de língua inglesa. Narra fatos no presente, passado ou futuro, descrevendo experiências e sensações. Produz discursos simples e coerentes, expõe e defende a própria opinião.
FCE	<ul style="list-style-type: none"> Entende principais ideias de textos complexos, sobre temas concretos e abstratos. Compreende textos técnicos em sua área de especialidade. Expressa-se de forma clara e detalhada sobre vários temas, incluindo atualidades. Comunica-se com fluência e espontaneidade mesmo com falantes nativos.
CAE	<ul style="list-style-type: none"> Compreende textos longos e profundos, identificando significados implícitos. Usa o idioma sem esforço para fins sociais, acadêmicos e profissionais. Produz discursos e textos bem estruturados e fundamentados sobre temas complexos.
CPE	<ul style="list-style-type: none"> Compreende com facilidade praticamente tudo que ouve e lê. Resume e articula informações e argumentos de diversas fontes orais e escritas. Expressa-se de forma espontânea e criativa, com a melhor seleção vocabular. Distingue variações de significado sutis em situações complexas.



Aponte a câmera do celular para ver um vídeo de alunos da 3ª série falando para os mais novos sobre a fase dos estágios.



The technological dilemma regarding contemporary education

Por **Júlia Asaumi**, 3ª série C do Ensino Médio.

There is no doubt that writing an essay is an extremely stressful task. The process of choosing a broad topic and narrowing it down to a thesis, not to mention the constant lack of motivation and awkward structuring, can be both daunting and frustrating, leading people to contemplate having someone else to do their work. Hence, realizing that ChatGPT, a newly launched chatbot developed by OpenAI, can generate a cohesive 100-word piece in 15 seconds, the “hypothetical” situation about mechanizing assignments is now undeniably closer than we could ever imagine. Thus, it is essential to consider how artificial intelligence (AI) tools may affect existing educational practices for future generations.

Firstly, it is key to express that new AI techniques are currently becoming a trend in the educational field, as it is a crucial apparatus for the creation of swift content in various formats, such as images, short animations, and voice clips. Moreover, the surfacing of a new AI-based text content generator, ChatGPT (the acronym stands for “generative pre-trained transformer”), assisted the production of quite successful human-like texts, allegedly capable of making inferences regarding emotions alongside understanding shallowly the context appointed. In that sense, ChatGPT might convey a valuable tool for a wide range of applications, as it can be used to generate summaries and essays, provide students with one-on-one instruction, underpin language learning, and most

importantly, respond to an instruction solely dedicated to one user, supplying them with a personalized text-prompt experience.

Nevertheless, despite the fact that ChatGPT represents a major shift from the current Google era to one based on more and more personalized solutions, it posits potential challenges regarding learning and teaching. For instance, it is unquestionable that the excessive reliance on technology might put students’ thinking capacity at risk, as the evident ease of pulling up answers by simply typing questions to

the chatbot is scientifically proven to be detrimental to one’s thinking and solutioning capacity, resulting in the lack of critical evaluations. Furthermore, plagiarism and its deliberate use in learning environments fosters an ethical dilemma regarding ChatGPT’s “derivative work”, which can result in large quantities of unreliable data and fake news prompting mass deceit amidst society.

All in all, in a world in which AI starts to reign, ChatGPT is beyond doubt a versatile and

revolutionary tool. However, everything has its pros and cons, and while it seems that availing society of the efficient use of artificial intelligence mechanisms in the educational setting might prevent future hardships, we must as well spread awareness of the risks of it and take necessary precautions. Technology and its output must align with society’s desired causes, not jeopardize them.



Crédito: DALL-E (ilustração produzida por Inteligência Artificial)



Para esta edição, a aluna Júlia Asaumi produziu uma redação original em inglês. Para ler a versão em português do texto, use o QR Code ao lado.

Especial
Vestibular
2023



A paixão pelo
conhecimento
é Vital para
transformar
sonhos em
realidade.

8
aprovações em
1º lugar

69%
APROVADOS
EM PÚBLICAS

30
entre os
Top 10
dos respectivos
cursos

Especial Vestibular 2023



33% DOS ALUNOS COM NOTA ACIMA DE
900
NA REDAÇÃO DO ENEM



dos aprovados em particulares passaram em cursos 4 ou 5 estrelas
(Guia do Estudante)



Alice Baldini de Souza Coelho
Ciências Biológicas (UFSCar), Medicina Veterinária (Unesp, USP)



Allan Andrade Klefens
Eng. Mecânica (Mackenzie)



Ana Giovanetti Oranje
Design (Unesp, USP), Gestão Ambiental (USP)



Ana Laura Carvalho da Silva
Pedagogia (Unicamp, Unifesp)



Ana Lívia Leite de Carvalho
Fisioterapia (Unifesp), Medicina (São Camilo)



Ana Lucia Hatahara Larrosa
Eng. Civil (USP), Eng. Química (Unicamp)



Ana Luisa Tarrío Ferraz de Almeida
Medicina (Einstein, Unesp)



Ana Luiza Poli Lovera
Psicologia (UEL)



Andrea Cecilia Gutierrez Garcia
Análise e Des. de Sistemas (IFSP), Sistemas de Informação (Mackenzie)



Anna Laura Daniel Pinheiro da Silva
Psicologia (UFF)



Antonio Lucas Siqueira Affonso
Eng. de Materiais (USP), Eng. Mecânica (Unesp, Unicamp)



Artur Izquierdo de Faria
Eng. Elétrica (Unesp, Unicamp, USP)



Beatriz da Silva Nobrega
Arquitetura (Mackenzie), Biomedicina (FMABC, UFMT)



Bruna Marincek Bim Silva
Biomedicina (Anhembi Morumbi, Unifran)



Bruno Cesar Monteiro Marcolino
Eng. da Computação (Unicamp), Eng. Civil (USP), Eng. Química (Unesp)



Camila Fernandes Bittencourt
Arquitetura (USP)



Caroline Atolini de Souza
Eng. da Computação (Mackenzie)



Cassio Fidel Guimarães Farias
Direito (USP), Eng. Mecânica (Unesp, Unicamp), Gestão de Políticas Públicas (USP), Medicina (UFMG)



Catharina Sarubi de Oliveira Cella
Direito (Mackenzie, PUC-SP)



Clara Sanches de Souza
Midialogia (Unicamp), Rádio e TV (Unesp)



Daniel Stopko Mattos
Economia (FGV, Unicamp, USP)



Daniela Swei Lo
Administração (USP), Eng. de Produção (Unicamp)



David Kazuo Takeda
Eng. da Computação (Mackenzie), Eng. de Minas (USP), Eng. Mecânica (IFSP)



Diego Croco Rodrigues
Administração (FAAP, FGV, IBMEC), Adm. Pública (UFCA)



Eduardo Henrique Nicoletti Guima
Design (Belas Artes, ESPM), Vinicultura e Enologia (IFSP)



Emi Yuki de Moraes Kushima
Design de Animação (Belas Artes), Produção Audiovisual (FAAP)



Enzo Lordes Pereira Perrone
Arquitetura (FAAP, Mackenzie)



Felipe Alves Semedo
Publicidade e Propaganda (Belas Artes, ESPM)



Felipe Freire Silva
Sistemas de Informação (USP, UTFPR)



Filomena Chiquetto do Lago
Enfermagem (Unesp, Unicamp, USP), Obstetrícia (USP)



Francisco Carvalho Vieira de Abreu
Educação Física (Unifesp)



Gabriel dos Santos Rosa Ribeiro
Ciência e Tecnologia (Unifal)



Gabriel Marques de Oliveira
Direito (PUC-SP, Unifesp)



Gabriel Poliese Bianchi da Silveira
Biomedicina (USP)



Gabriel Rocha Palacios
Administração (Mackenzie)



Gabriela Licursi Bonelli
Direito (Mackenzie, PUC-SP)



Giovanna Palavicini Gallardi
Psicologia (Mackenzie, PUC-SP)



Giovanni Oka Ugolini
Economia (Unifesp)



Guilherme A. L. Lancaster de Torres
Física (Unicamp, USP)



Guilherme Kobayasi
Eng. da Computação (IFSP)



Guilherme Santos Sertie
Economia (UFPEL), Jornalismo (Cáster Líbero, Mackenzie, PUC-SP)



Gustavo Augusto Casco Silva R. Alves
Eng. Aeronáutica (Unesp), Eng. Elétrica (Unicamp, USP)



Gustavo da Silva Lima
Oficial da Marinha Mercante (EFOMM)



Heitor Teixeira Magalhaes
Farmácia (USP)



Helena Alencar Silva
Administração (Unesp, Unifesp, USP)



Henrique Fanckin Krubniki
Ciências Biológicas (Mackenzie, UFPR, Unesp, Unifesp, USP)



Henrique Ramos Pereira
Economia (FGV, USP)



Ilana Mbakwe
Administração Pública (Unicamp)



Isabella Marcelino Gouvea
Jornalismo (Cáster Líbero)



João Pedro Amaral Araújo
Ciências e Humanidades (UFABC)



João Pedro Godoy Casalino
Administração (Unicamp, Unifesp)



João Pedro Guimarães Belondi
Eng. Química (Unesp, Unicamp, USP), Medicina (Oswaldo Cruz, UFMG), Química (USP)



João Victor Pereira Morales
Farmácia (Mackenzie, Oswaldo Cruz, Química (IFSP)



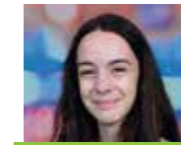
José Henrique Bussaf Malta
Administração (Unicamp)



Juana Maria Sanabria Monroy
Arquitetura (USP)



Julia Alves Francisco
Direito (PUC-SP), Letras (USP)



Julia Belini Barni
Direito (UFMT), Medicina (Mandic)



Julia Midori Noda
Ciências Sociais (Unifesp), Jornalismo (Cáster Líbero, PUC-SP)



Julia Weinmann Gross
Administração (FGV, UFPR)

8 aprovados em Medicina

18 aprovados em Engenharia

24 aprovados entre os 10 primeiros lugares de seus cursos



Juliana Domingues Miranda

Fisioterapia (Einstein, São Camilo, Unesp, Unifesp)



Laura Moraes Pino

Eng. de Biomedicina (Einstein), Farmácia (Unifesp)



Leonardo Bonatti Leonardi

Ciências Biológicas (UFMG, Unesp, Unicamp, USP)



Leonardo Souza Santos

Eng. da Computação (Mackenzie), Jogos Digitais (PUC-SP)



Livia Thais de Souza

Biomedicina (UFAL), Medicina (Unicid, UNIP)



Lorenzo Passarelli Junqueira

Arquitetura (Unesp, USP), Medicina (UFRB)



Lucas Carvalho Michiles Fonseca

Engenharia de Controle e Automação (IFSP)



Luiza Arantes Gonçalves

Administração (Unifesp), Economia (FAAP, IBMEC)



Luiza Penteado Pontes

Administração (ESPM, IBMEC, Mackenzie), Moda (Anhembí Morumbi)



Luiza Souza Balbino

Eng. Elétrica (Unesp, Unicamp, USP)



Marcela Jafet Schmidt

Ciências Sociais (Unifesp)



Maria Beatriz Anizelli Correia

Farmácia (Unesp, Unicamp, USP)



Maria Clara M. C. Vilas Boas

Medicina (Unifaj), Nutrição (UEMG)



Maria Eduarda Barras dos Santos

Publicidade e Propaganda (FAAP)



Maria Eduarda Nascimento Bastos

Psicologia (PUC-SP, UFMG, Unifesp)



Maria Eduarda Oliveira Romano

Educação Física (Unesp)



Maria Eduarda Pilão Collado

Administração (FGV, Insper, Unicamp), Jornalismo (ESPM)



Maria Eduarda Poli Lovera

Ciências Biológicas (UFSCar, Unesp, USP)



Maria Luisa de Oliveira Aguilar

Psicologia (PUC-SP)



Mariana Nanami Miura

Eng. Ambiental (UFSCar, Unesp, USP), Eng. Civil (Unicamp)



Mariana Okamoto

Sistemas de Informação (Mackenzie)



Mariana Suzuki Fujisawa

Biotecnologia (USP)



Mariana Taniguchi Minakawa

Administração Pública (FGV, Unicamp), Gestão Ambiental (USP)



Mariana Toth de Souza

Nutrição (Unifesp)



Mateo Zanette

Design (PUC-SP), Sistemas de Informação (Mackenzie)



Matheus de Carvalho Alves

Direito (Mackenzie, PUC-SP)



Natasha Blandon Martinez

Animação e Cinema (FAAP), Design (ESPM), Design de Animação (Belas Artes), Design de Games (Faculdade Méliès)



Nicole Mosca Simões

Administração (Unesp), Direito (UFOP)



Pedro Henrique de Oliveira Ferreira

Direito (USP)



Pedro Menezes Margenta

Direito (Mackenzie, PUC-SP)



Rafael Durante da Costa

Química (UFSCar, USP)



Rafael Enzo Azevedo Ortiz

Ciências Biológicas (Unesp)



Renata Smith Alves Pereira

Administração (Unicamp), Direito (PUC-SP), Pedagogia (Unifesp)



Thiago Amenomori

Farmácia (Mackenzie), Química (FURG)



Victor Szmalko Anastasi

Administração (Unifesp)



Vitor Poleti Sanches

Eng. de Alimentos (UFSCar, Unesp)

Parabéns, turma de 2022, pelas aprovações à altura do seu esforço e dos seus sonhos!